

CENTENÁRIO DA MORTE DE COMTE

NASCIDO em Montpellier, cidade do sul da França, célebre desde os tempos medievais pela sua Faculdade de Medicina, morre Augusto Comte, em Paris. Entre o alegre estrêla e a melancólica cruz, que marcam simbolicamente o transcurso de toda uma vida neste planêta, passaram-se 59 anos, de 1798 a 1857. Dêstes anos, quase todos foram devotados ao estudo e à meditação, pois Augusto Comte se revelou precoce em sua vida mental. Tanto assim que chegou a Paris, para se matricular na famosa Escola Politécnica, com a idade de 14 anos, abaixo do mínimo necessário e exigido por lei.

Espírito taciturno, rebelde, inquieto, não soube Comte fazer fácil o seu caminho em busca do êxito na sociedade. Não terminou o seu curso universitário; indispôs-se com um professor e foi expulso do estabelecimento de ensino. Teve de dar lições particulares, de matemática e de ciências físicas, inclusive, mais tarde, de astronomia, para poder conseguir alguns francos para o seu sustento. Assim mesmo casou-se ainda jovem, depois de haver sido secretário particular e colaborador de Saint-Simon, o grande socialista, muito mais velho do que êle, vindo ainda do antigo regime e cujo prestígio entre os jovens era muito grande. Nunca deixará Augusto Comte de lamentar essa aproximação com o autor do **Catecismo dos Industriários**. Chama-o de desastrosa e prejudicial ao seu pleno desenvolvimento filosófico, e garante que teria chegado aonde chegou, mesmo sem o auxilio de Saint-Simon. Até hoje o assunto é motivo de largos e longos debates entre os historiadores da filosofia e da sociologia; e, na época, serviu de pretexto para certas críticas dos saint-simonianos (Olinda Rodrigues, Chevalier, etc.) contra o autor da **Philosophie Positive**.

Vivendo numa época pós-revolucionária, sentiu Comte direta e imediatamente a necessidade de conciliar os novos ideais individualistas e liberais com os antigos valores da situação que foi derrubada. Tanto em filosofia, como em política, procurou ser mais um organizador do que propriamente um criador de sistema novo. Baseou-se em Aristóteles, em Tomás de Aquino, em Newton, em Hume, elaborando o que chamou de **philosophie positive**, isto é, deixando de lado a metafísica, as hipóteses sem apoio e comprovação nos fatos. Fatos e somente fatos, apreendidos através da experiência, é que devem servir de dados para a construção da verdadeira ciência, permitindo a noção de lei: simples fatos gerais, fatos que se repetem e que tornam possível observarem-se certas constantes no meio da variação.

Se foi eclético em filosofia, unindo o empirismo inglês ao racionalismo francês, vindo de Descartes, não o foi menos em política e filosofia social, associando o que chamava de "doutrina retrógrada" de De Maistre e De Bonald ao socialismo de Saint-Simon. Por isso mesmo foi um dos primeiros críticos da Revolução francesa e dos males da industrialização moderna, apontando a necessidade de uma planificação econômica, social, educativa através dos poderes públicos. Nêles tomariam parte os produtores (industriais), os proletários, as mulheres, sob a orientação dos filósofos ou dos sábios. Mais tarde, na segunda fase da sua carreira, mais sob o influxo do sentimento e do coração, preferiu Comte que este domínio ou esta direção fôsem dados pelos poetas, pelos artistas, instituindo, nesta base, toda a sua **religião da humanidade**, com a descrição de ritos, cultos e quadros organizados que muito se aproximam do catolicismo. Comte — diga-se entre parêntesis — nunca deixou de ser um permanente enamorado da Idade Média e da ordem que ali reinou sob a égide do catolicismo. Viu como poucos, e nisso foi precursor de Pierre Duhem, a grande influência árabe no campo das ciências empíricas nos tempos medievais e chegou até a iniciar as pesquisas históricas neste sentido.

Tendo sofrido uma crise mental no ano de 1826, devido ao imenso esforço despendido na síntese dos conhecimentos do seu tempo, restabeleceu-se Comte, depois de muito sacrifício e esforço, aos quais não esteve estranha a sua esposa. Nunca deixou Comte de lhe ser grato por este fato, e disso se aproveitou Anne Caroline para lhe causar uma série enorme de desgostos de toda ordem. Comte sempre a perdoava, culminando com a separação definitiva, quando do quarto abandono do lar, por parte de sua esposa, no ano de 1842. Pouco depois, por volta de 1844-1845, vem o conhecimento e a paixão por Clotilde Devaux e, apesar de opinião contrária de muitos, a vida do filósofo vai tomar outra direção...

Comte foi o que os franceses chamam de **savant universal**, espírito curioso, tudo querendo saber, com grande poder de síntese e de organização. E nisso consistiu justamente o seu mérito maior, motivo até hoje da sua glória: produto da sua época, sentiu nitidamente as correntes do seu tempo e as enlaçou para o futuro. Um futuro que nos toca ainda hoje.

EVARISTO DE MORAES FILHO